

Doença e loucura na obra de Nietzsche<sup>1</sup>**Illness and madness in Nietzsche's Work**Ana Carolina da Costa e Fonseca<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo discute os conceitos de doença e de loucura, na obra de Nietzsche, bem como o reconhecimento de suas funções como potências criadoras ao longo da História da Filosofia. A genealogia é o método criado por Nietzsche que lhe permite investigar sobre a origem humana dos conceitos filosóficos e, deste modo, compreender como doença e loucura influenciam na maneira de filosofar de diferentes pensadores.

**Palavras-chave:** Nietzsche; doença; loucura; criação.

**Abstract:** This article discusses the concepts of illness and madness in Nietzsche's work as well as the recognition of his creative powers and functions throughout the history of Philosophy. Genealogy is the method that permits Nietzsche to investigate the human origins of philosophical concepts and, as such, understand how illness and madness influence the way in which different thinkers philosophize.

**Keywords:** Nietzsche; illness; madness; creation.

1. Nietzsche toma o agir humano como um problema filosófico e se pergunta pelo que motiva filósofos, artistas, religiosos e pessoas em geral a criar moralidades e concepções de mundo, realidades. “A grande dor” [Der grosse Schmerz] liberta o espírito e torna o ser humano, e especialmente o filósofo, mais profundo (*A gaia ciência*, Prólogo, 3)<sup>3</sup>. Doença e loucura motivam as ações humanas ao criarem moralidades e diferentes modos de perceber a realidade (*Ecce Homo*, Por que sou tão inteligente, 2; *A gaia ciência*, Prólogo, 2; *Aurora*, 14; *O crepúsculo dos ídolos*, Como o “mundo verdadeiro” finalmente se tornou fábula). O conteúdo do que é criado revela o que motiva a criação. Tipos humanos diferentes lidam de maneiras diferentes com a própria fragilidade. A dor é indicativo da fragilidade. O reconhecimento da própria fragilidade gera *ou* a criação de conceitos e de realidades que dêem aos seres humanos a sensação de proteção frente a um mundo que lhes parece

<sup>1</sup> A primeira versão deste artigo foi apresentada em 2009, em Naumburg, no congresso “Nietzsche: Macht – Grösse”, promovido pela Nietzsche Gesellschaft, e também na UNISINOS, em São Leopoldo – RS, no I Seminário Reginal de Alunos de Pós-graduação em Filosofia.

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia (UFRGS). Professora de Filosofia na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e de Filosofia do Direito na Faculdade do Ministério Público (FMP). Endereço profissional: UFCSPA, Rua Sarmento Leite, 245, sala 412. Porto Alegre, RS, CEP 90.050-170. E-mail: anacf@ufcspa.edu.br.

<sup>3</sup> Indica-se, após a citação de Nietzsche, o nome da obra entre parênteses de acordo com a convenção estabelecida, seguida do número do aforismo, do capítulo ou do número da dissertação. Quando necessário, indica-se também o nome do capítulo.

demasiadamente complexo, e incompreensível porque complexo, *ou* fragilidade e complexidade são tomados como fatos e exaltados como essenciais para a criação. Em ambos os casos, “*der grosse Schmerz*” provoca doença e loucura. Dependendo do tipo humano que sofre, doença e loucura criam moralidades e realidades ou que afirmam, ou que negam a vida. A genealogia é o método de investigação criado por Nietzsche com o qual investiga sobre a origem dos conceitos pela busca da motivação psicológica da criação de conceitos.

Ao longo do artigo realizam-se duas tarefas. Mostra-se 1) como a dor e a doença influenciam a filosofia de Nietzsche e 2) como doença e loucura criam moralidades e concepções de mundo. Para realizar ambas as tarefas, utiliza-se o método genealógico com vistas a desvelar a origem humana de conceitos e de realidades. O modo como diferentes tipos humanos suportam “a grande dor” é utilizado como critério de avaliação do espírito humano para o estabelecimento de uma tipologia.

2. A genealogia<sup>4</sup> é o método de investigação criado por Nietzsche com o qual investiga a origem dos conceitos pela busca da motivação psicológica da criação de conceitos. Segundo Nehamas, “a genealogia revela de uma só vez estas origens e os mecanismos pelos quais as idéias em questão atuam para tentar esconder suas origens.”<sup>5</sup> A genealogia substitui perguntas pelo conteúdo dos conceitos por perguntas sobre quem cria os conceitos, de modo que o sujeito que discute acerca de conceitos, e não mais o próprio conceito, passa a ser objeto de investigação. Sendo os conceitos criações humanas que expressam a vontade de seu criador, respostas a perguntas acerca da criação de conceitos permitem que se discuta o que representa determinado conceito para quem o cria e para quem reconhece a possibilidade de sua existência.

Tomar o objeto de investigação como algo infinito porque diretamente relacionado com um momento histórico, ou seja, infinito porque sempre novo, faz com que tampouco exista um objeto de investigação em si. Não apenas o em si não pode ser descoberto, como o em si não existe. Não há impossibilidade epistemológica, há impossibilidade ontológica. Desaparecendo o antigo objeto de investigação, o próprio sujeito se revela como objeto, sem,

---

<sup>4</sup> Idéias apresentadas neste item foram discutidas na minha dissertação de mestrado intitulada *Três aspectos da crítica de Nietzsche a Sócrates* e no artigo “A substituição do conceito pelo sujeito: genealogia nietzscheana versus dialética socrática”, publicado na revista *Princípios* (UFRN), v. 13, p. 141-160, em 2006.

<sup>5</sup> Livre tradução de: “[g]enealogy reveals both these origins and the mechanisms by which the views in question try to conceal them.” NEHAMAS, Alexander. *Nietzsche: life as literature*, p. 32-33.

contudo, perder seu caráter de sujeito. De modo que, são os seres humanos, e não os conceitos por eles criados, que são conhecidos. Entre os seres humanos estão, evidentemente, os filósofos. E os textos de filosofia são lidos por Nietzsche como declarações pessoais que revelam como seus autores são.

*Gradualmente foi se revelando para mim o que toda grande filosofia foi até o momento: a confissão pessoal de seu autor, uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas; e também se tornou claro que as intenções morais (ou imorais) de toda filosofia constituíram sempre o germe a partir do qual cresceu a planta inteira.<sup>6</sup> (Além do bem e do mal, 6)*

Uma confissão pessoal revela não como a realidade é verdadeiramente, mas como o autor a vê, ou como precisa vê-la. Ao publicar impressões sobre a realidade com a pretensão de estar explicando definitivamente a realidade, os filósofos mostram como se relacionam com a realidade efetiva e como a interpretam. “O que a humanidade até agora considerou seriamente não são sequer realidades, apenas construções....<sup>7,8</sup> (*Ecce Homo*, Por que sou tão inteligente, 10). As construções, ou criações, não valem nem mais, nem menos por serem construções, apenas devem ser consideradas como algo criado pela vontade humana e não como algo dado. O que distingue os tipos humanos, portanto, é a vontade que predomina em cada um.

Ao ler obras como descrições que os autores fazem de si mesmo, e não do mundo, Nietzsche identifica o tipo humano de quem as escreveu. O modo de pensar e de agir são tomados como sintomas que permitem identificar a que tipo humano correspondem. É preciso “atentar se a causa da criação é o desejo de fixar, de eternizar, de *ser*, ou o desejo de *destruição*, de mudança, do novo, de futuro, de *vir a ser*.”<sup>9</sup> (*A gaia ciência*, 370) Com isso, o que há de doença e o que há de loucura naquilo que é criado pelos seres humanos, bem como

<sup>6</sup> No original alemão: “Allmählich hat sich mir herausgestellt, was jede grosse Philosophie bisher war: nämlich das Selbstbekenntnis ihres Urhebers und eine Art ungewollter und unvermerkerter mémoires; insgleichen, dass die moralischen (oder unmoralischen) Absichten in jeder Philosophie den eigentlichen Lebenskeim ausmachen, aus dem jedesmal die ganze Pflanze gewachsen ist.” (*Kritische Studienausgabe* – KSA, v. 5, p. 19-20.) As traduções para o português são de Paulo César de Souza com pequenas correções e alterações feitas por mim.

<sup>7</sup> Utilizam-se quatro pontos, de acordo com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, para distinguir as reticências da interpontuação indicativa da supressão de parte de um trecho citado. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, p. VIII, item 14 do prefácio.

<sup>8</sup> No original alemão: “Das, was die Menschheit bisher ernsthaft erwogen hat, sind nicht einmal Realitäten, blosse Einbildungen....” (KSA, v. 6, p. 295-296.).

<sup>9</sup> No original alemão: “... nämlich das Augenmerk darauf, ob das Verlangen nach Starrmachen, Verewigen, nach *Sein* die Ursache des Schaffens ist, oder aber das Verlangen nach Zerstörung, nach Wechsel, nach Neuem, nach Zukunft, nach *Werden*.” (KSA, v. 3, p. 621.)

o caráter da doença e da loucura se tornam evidentes. Não há avaliação positiva ou negativa sofrimento. A pergunta central é de que modo eles movem a criatividade humana.

*Toda arte, toda filosofia pode ser vista como remédio e socorro da vida em crescimento ou em declínio: elas pressupõem sempre sofrimento e sofredores, os que sofrem de superabundância de vida, que querem uma arte dionisíaca.... e.... os que sofrem de empobrecimento de vida.... Aquele mais rico em plenitude de vida, o deus e homem dionisíaco, pode permitir-se não só a visão do terrível e discutível, mas mesmo o ato terrível e todo luxo de destruição, decomposição, negação.... Inversamente, o que mais sofre, o mais pobre de vida necessitaria ao máximo de brandura, paz e bondade.... tanto no pensar como no agir e, se possível, de um deus que é propriamente um deus para doentes, um salvador.... Quanto aos artistas de todo gênero, utilizo-me agora da distinção fundamental: foi o ódio à vida ou o excesso de vida que aí se fez criativo?<sup>10</sup> (Nietzsche contra Wagner, Nós, antípodas)*

O dionisíaco destrói para afirmar. O decadente destrói o que lhe parece insuportável. Nietzsche destrói nossos ídolos a marteladas para afirmar a vida, para exaltar o que sobra depois de destruirmos o que foi criado ao longo de muitos anos de apequenamento do espírito.

3. A frágil saúde de Nietzsche, que lhe deixa constantemente doente e que culmina em demência, é fonte de inspiração para o Filósofo. “Foi a doença que me trouxe à razão.”<sup>11</sup> (*Ecce Homo*, Por que sou tão inteligente, 2) A doença traz clareza ao pensamento de Nietzsche. A fragilidade do corpo lhe mostra o quanto valores morais decorrem de fraquezas psicológicas. Os seres humanos percebem a realidade de diferentes perspectivas. Cada um, equivocadamente, toma a sua perspectiva como a única possível e passa, então, a descrever uma realidade e a prescrever valores morais como se tais descrição e prescrição fossem únicos. Há, de fato, perspectivas, e tipos humanos diferentes olham para o mundo de perspectivas diferentes. “Da ótica do doente ver conceitos e valores são, e, inversamente, da plenitude e certeza da vida rica descer os olhos ao secreto louvor do instinto de *décadence* – este foi o meu mais longo exercício, minha verdadeira experiência, se em algo vim a ser mestre, foi nisso.”<sup>12</sup> (*Ecce Homo*, Por que sou tão sábio, 1) Nietzsche, ao contrário, toma a

<sup>10</sup> No original alemão: “Jede Kunst, jede Philosophie darf als Heil- und Hilfsmittel des wachsenden oder des niedergehenden Lebens angesehen werden: sie setzen immer Leiden und Leidende voraus. Aber es giebt zweierlei Leidenden, einmal die an der *Überfülle* des Lebens Leidenden, welche eine dionysische Kunst wollen und....die an der *Verarmung* des Lebens Leidenden.... Der Reichste an Lebensfülle....kann sich nicht nur den Anblick des Fürchterlichen und Fragwürdigen gönnen, sondern selbst die furchtbare That und jeden Luxus von Zerstörung, Zersetzung, Verneinung....Umgekehrt würde der Leidenste, Lebensärmste, am meisten die Milde, Friedlichkeit und Güte nöthig haben.... im Denken sowohl wie im Handeln, womöglich einen Gott, der ganz eigentlich ein Gott für Kranke, ein *Heiland* ist.... In Hinsicht auf Artisten jeder Art bediene ich mich jetzt dieser Hauptunterscheidung: ist heir der Hass gegen das Leben oder der Überfluss an Leben schöpferisch geworden?” (KSA, v. 6, p. 425-426.)

<sup>11</sup> No original alemão: “Die *Krankheit* brachte mich erst zur Vernunft.” (KSA, v. 6, p.283.)

<sup>12</sup> No original alemão: “Von der Kranken-Optik aus nach gesünderen Begriffen und Werthen, und wiederum

própria dor e a própria doença como fontes de inspiração e percebe o quanto elas provocam nos seres humanos ou a criação de algo que lhes dê a sensação de proteção frente a um mundo que lhes parece demasiadamente complexo, e incompreensível porque complexo, ou a fragilidade humana e a complexidade do mundo são tomadas como fatos. A primeira é a atitude do tipo humano fraco. A segunda, a do tipo humano forte, como Nietzsche. No tipo humano forte, o criado é tomado como criação. No tipo humano fraco, criações – humanas – são tomadas como verdades dadas desde sempre.

A tarefa do filósofo, segundo Nietzsche, consiste em desvelar, em retirar véus que encobrem nossa visão, sem, contudo, pretender que todos os véus possam ser retirados. Por isso, Nietzsche toma o método genealógico como o método filosófico por excelência. A vantagem do ponto de vista nietzscheano, que, continua a ser um entre outros pontos de vista, está em tomar o ser humano como fonte de concepções metafísicas de ser humano, de mundo e de valores morais, sem supor que uma delas possa ser melhor por corresponder a algo que seja dado. Descrições nos mostram o ser humano que as formula, não um estado de coisas.

As doenças se manifestam de várias formas. Há doenças do corpo e doenças do espírito que se influenciam mutuamente e que contribuem para a criação de filosofias. “[D]esde que se é uma pessoa, tem-se necessariamente a filosofia de sua pessoa: mas há aqui uma notável diferença. Num homem são as deficiências que filosofam, no outro as riquezas e forças.”<sup>13</sup> (*A Gaia Ciência*, Prólogo, 2) Enquanto no tipo humano fraco, a doença provoca a criação de filosofias que lhe sejam favoráveis e suportáveis, no tipo humano forte, a doença provoca a criação de filosofias que exaltam a potência das forças que atuam no mundo. “O primeiro *necessita* da sua filosofia, seja como apoio, tranquilização, medicamento, redenção, elevação, alheamento de si; no segundo, ela é apenas um formoso luxo, no melhor dos casos a volúpia de uma triunfante gratidão...”<sup>14</sup> (*A Gaia Ciência*, Prólogo, 2) Em ambos os casos, a doença é uma potência criadora.

---

umgekehrt aus der Fülle und Selbstgewissheit des reichen Lebens hinuntersehn in die heimliche Arbeit des Décadence-Instinkts – das war meine längste Übung, meine eigentliche Erfahrung, wenn irgend worin wurde ich darin Meister.” (KSA, v. 6, p. 266.)

<sup>13</sup> No original alemão: “Man hat nämlich, vorausgesetzt, dass man eine Person ist, nothwendig auch die Philosophie seiner Person: doch giebt es da einen erheblichen Unterschied. Bei dem Einen sind es seine Mängel, welche philosophieren, bei dem Andern seine Reichthümer und Kräfte.” (KSA, v. 3, p. 347.)

<sup>14</sup> No original alemão: “Ersterer hat seine Philosophie *nöthig*, sei es als Halt, Beruhigung, Arznei, Erlösung, Erhebung, Selbstentfremdung; bei Letzterem ist sie nur ein schöner Luxus, im besten Falle die Wollust einer triumphirenden Dankbarkeit...” (KSA, v. 3, p. 347.)

No caso de Nietzsche, a doença se transforma em uma potência criadora e possibilita não apenas que sua própria filosofia seja criada, como também faz com ele perceba o que motiva a criação de tantas filosofias. A constatação da fragilidade do corpo revela a força do seu espírito; em outros filósofos, a fraqueza. A fraqueza é geradora de filosofias morais e de metafísicas que simplificam o mundo e as ações humanas tornando o ser humano previsível e postulando a existência de regularidades para que o mundo possa ser conhecido. Para Nietzsche, a busca pela verdade é, de fato, a busca pelo suportável. O filósofo-médico vê a criação de muitos conceitos como sintoma de fraqueza. “[N]ós, filósofos, ficando doentes, nos sujeitamos à doença do corpo e da alma por algum tempo.... Após uma tal interrogação de si mesmo, experimentação consigo mesmo, aprendemos a olhar mais sutilmente para todo o filosofar que houve até agora...”<sup>15</sup> (*A Gaia Ciência*, Prólogo, 2) Ao olhar mais sutilmente o passado, Nietzsche reconhece a origem humana do que parece dado: “[o] inconsciente disfarce de necessidades fisiológicas sob o manto da objetividade...”<sup>16</sup> (*A Gaia Ciência*, Prólogo, 2) Em Nietzsche, a fraqueza, é fonte de lucidez. Dor, fraqueza, doença não são apenas suportáveis, como também desejados. “[E]u não gostaria de me despedir ingratamente daquele tempo da severa enfermidade, cujo benefício ainda hoje não se esgotou em mim: .... estou plenamente cômico das vantagens que a minha instável saúde me dá...”<sup>17</sup>. (*A gaia ciência*, Prólogo, 3) Mais do que desejáveis, dor, fraqueza e doença são necessários. “E no que toca à doença: não estaríamos quase tentados a perguntar se ela é realmente dispensável para nós?”<sup>18</sup> (*A Gaia Ciência*, Prólogo, 3) A resposta de Nietzsche é claramente negativa. Ao longo de sua obra, ele não cansa de mencionar os benefícios que a doença lhe trouxe, a lucidez que decorre da dor.

*Apenas a grande dor é extremo liberador do espírito.... Apenas a grande dor, a lenta e prolongada dor, aquela que não tem pressa, na qual somos queimados com madeira verde, por assim dizer, obriga a nós, filósofos, a alcançar nossa profundidade extrema e nos desvencilhar de toda confiança, de toda benevolência, tudo o que encobre, que é brando, mediano, tudo em que antes pínhamos talvez*

<sup>15</sup> No original alemão: “[W]ir Philosophen, gesetzt, dass wir krank werden, uns zeitweilig mit Leib und Seele der Krankheit.... Man lernt nach einer derartigen Selbst-Befragung, Selbst-Versuchung, mit einem feineren Auge nach Allem, was überhaupt bisher philosophirt worden ist, hinsehn....” (KSA, v. 3, p. 347-348.)

<sup>16</sup> No original alemão: “[d]ie unbewusste Verkleidung physiologischer Bedürfnisse unter die Mäntel des Objektiven”. (KSA, v. 3, p. 348.)

<sup>17</sup> No original alemão: “Man erräth, das ich nicht mit Undankbarkeit von jener Zeit schweren Siechthums Abschied nehmen möchte, deren Gewinn auch heute noch nicht für mich ausgeschöpft ist: so wie ich mir gut genug bewusst bin, was ich überhaupt in meiner wechselreichen Gesundheit vor allen Vierschrötigen des Geistes voraus habe.” (KSA, v. 3, p. 349.)

<sup>18</sup> No original alemão: “Und was die Krankheit angeht: würden wir nicht fast zu fragen versucht sein, ob sie uns überhaupt entbehrlich ist?” (KSA, v. 3, p. 350.)

*nossa humanidade. Duvido que uma tal dor 'aperfeiçoe' –; mas sei que nos aprofunda.*<sup>19</sup> (*A gaia ciência*, Prológo, 3)

O ônus, a doença, é infinitamente menor que o bônus, a sanidade. Não podemos nos esquecer, contudo, de que a doença age de modos diferentes em espíritos diferentes e, exatamente por isso, seus sintomas podem ser usados para identificar o tipo humano do doente.

4. Nietzsche entende loucura [Irrsinn] como “a irrupção do capricho no sentir, ver e ouvir, o gosto na disciplina da mente, a alegria no ‘mau senso’.”<sup>20</sup> (*A gaia ciência*, 76) O aforismo 14 de *Aurora* trata do “Significado da loucura na história da moralidade”<sup>21</sup>. A moralidade é criada, muitas vezes, pelos que são tomados como loucos pela sociedade: “todos os homens superiores, que eram irresistivelmente levados a romper o jugo de uma moralidade e a instaurar novas leis, não tiveram alternativa, *caso não fossem realmente loucos*, senão tornar-se ou fazer-se de loucos.”<sup>22</sup> Os loucos estão suficientemente libertos do *status quo* para criarem e imporem novos valores morais. “[É] a loucura que abre alas para a nova idéia, que quebra o encanto de um uso e de uma superstição venerados.”<sup>23</sup> (*Aurora*, 14) Quando a loucura, entendida como a recusa do estabelecido, quebra encantos, ela está afirmando a vida. Mas, a loucura, assim como a doença, afeta os seres humanos de modo dual: ao mesmo tempo que gera, por exemplo, a desmedida, que está na origem da tragédia grega, gera a crença no que não existe. Eis o germe da religião e de certos tipos de política. A loucura não é sempre exaltada, pois, há loucuras que negam a vida.

*.... de onde deveria então originar-se a tragédia? Porventura do prazer, da força, da saúde transbordante, de uma plenitude demasiado grande? E que significado tem então, fisiologicamente falando, aquela loucura de onde brotou a arte trágica assim como a cômica, a loucura dionisíaca? Como? A loucura não será por acaso o sintoma da degeneração, do declínio, de uma cultura bastante tardia? Há*

<sup>19</sup> No original alemão: “Erst der grosse Schmerz ist der letzte Befreier des Geistes.... Erst der grosse Schmerz, jener lange langsame Schmerz, der sich Zeit nimmt, in dem wir gleichsam wie mit grünem Holze verbrannt werden, zwingt uns Philosophen, in unsre letzte Tiefe zu steigen und alles Vertrauen, alles Gutmüthige, Verschleiende, Milde, Mittlere, wohinein wir vielleicht vordem unsre Menschlichkeit gesetzt haben, von uns zu thun. Ich zweifle, ob ein solcher Schmerz ‘verbessert’ –; aber ich weiss, dass er uns *vertieft*.” (KSA, v. 3, p. 350.)

<sup>20</sup> No original alemão: “das Ausbrechen des Beliebens im Empfinden, Sehen und Hören, der Genuss in der Zuchtlosigkeit des Kopfes, die Freude am Menschen-Unverstande.” (KSA, v. 3, p. 431.)

<sup>21</sup> No original alemão: “Bedeutung des Wahnsinns in der Geschichte der Moralität”. (KSA, v. 3, p. 26.)

<sup>22</sup> No original alemão: “allen jenen überlegenen Menschen, welche es unwiderstehlich dahin zog, das Joch irgend einer Sittlichkeit zu brechen und neue Gesetze zu geben, blieb, *wenn sie nicht wirklich wahnsinnig waren*, Nichts übrig, als sich wahnsinnig zu machen oder zu stellen...” (KSA, B. 3, S. 27.)

<sup>23</sup> No original alemão: “[I]st es der Wahnsinn, welcher dem neuen Gedanken den Weg bahnt, welcher den Bann eines verehrten Brauches und Aberglaubens bricht.” (KSA, v. 3, p. 26.)

*porventura – uma pergunta para alienistas – neuroses da sanidade? ....<sup>24</sup> (O nascimento da tragédia, Tentativa de Autocrítica, 4)*

A resposta de Nietzsche aos alienistas é um sonoro “sim”. Há neuroses da sanidade. Há a loucura que não cria realidades e entidades. Há a loucura que não crê no mundo das idéias de Platão, que não crê no Deus judaico-cristão, e que, por não tomar *uma* descrição da realidade como *única*, revela o que há de humano no que se considera divino, ou teológico, no sentido aristotélico, ou seja, tudo o que tem Deus ou a metafísica como fonte explicativa primeira. Para Nietzsche, a vontade de potência, sendo o motivo fundamental da ação humana, revela o estado da loucura e da sanidade humanas. Atribuindo, ou não, realidade ao que foi o criado, a loucura é uma potência criadora, pois se constitui como uma maneira de ver o real, que cria novas realidades e, conseqüentemente novas moralidades.

*Podemos ver todas as ousadas insânias da metafísica, em particular suas respostas à questão do valor da existência, antes de tudo como sintomas de determinados corpos; e se tais afirmações ou negações do mundo em peso, tomadas cientificamente, não têm o menor grão de importância, fornecem indicações tanto mais preciosas para o historiador e psicólogo, enquanto sintomas do corpo, como afirmei, do seu êxito ou fracasso, de sua plenitude, potência, soberania na história, ou então de suas inibições, fadigas, pobreza, de seu pressentimento do fim, de sua vontade de fim.<sup>25</sup> (A gaia ciência, Prólogo, 2)*

Os motivos da criação de realidades e de moralidades são, segundo Nietzsche, necessidades fisiológicas, que, neste caso, não são apenas necessidades do corpo, como também necessidades que o corpo gera no espírito. Essas necessidades fazem com que os seres humanos criem o que os tranqüiliza. Visto que a motivação não está no que se pode conhecer, mas sim, no que podemos esconder, cabe, ao filósofo, investigar a respeito do que está escondido.

*Eu espero ainda que um médico filosófico, no sentido excepcional do termo – alguém que persiga o problema da saúde geral de um povo, de uma época, de uma raça, da humanidade –, tenha futuramente a coragem de levar ao cúmulo a minha*

<sup>24</sup> No original alemão: “.... woher müsste dann die Tragödie stammen? Vielleicht aus der Lust, aus der Kraft, aus überströmender Gesundheit, aus übergrosser Fülle? Und welche Bedeutung hat dann, physiologisch gefragt, jener Wahnsinn, aus dem die tragische wie die komische Kunst erwuchs, der dionysische Wahnsinn? Wie? Ist Wahnsinn vielleicht nicht nothwendig das Symptom der Entartung, des Niedergangs, der überstüpäten Cultur? Giebt es vielleicht – eine Frage für Irrenärzte – Neurosen der Gesundheit?” (KSA, v. 1, p. 16.)

<sup>25</sup> No original alemão: “Man darf alle jene kühnen Tollheiten der Metaphysik, sonderlich deren Antworten auf die Frage nach dem Werth des Daseins, zunächst immer als Symptome bestimmter Leiber ansehen; und wenn derartigen Welt-Bejahungen oder Welt-Verneinungen in Bausch und Bogen, wissenschaftlich gemessen, nicht ein Korn von Bedeutung innewohnt, so geben sie doch dem Historiker und Psychologen um so werthvollere Winke, als Symptome, wie gesagt des Leibes, seines Gerathens und Missrathens, seiner Fülle, Mächtigkeit, Selbstherrlichkeit in der Geschichte, oder aber seiner Hemmungen, Ermüdungen, Verarmungen, seines Vorgefühls vom Ende, seines Willens zum Ende.” (KSA, v. 3, p. 349.)



*suspeita e de arriscar a seguinte afirmação: em todo o filosofar, até o momento, a questão não foi absolutamente a “verdade”, mas algo diferente, como saúde, futuro, poder, crescimento, vida...<sup>26</sup> (A gaia ciência, Prólogo, 2)*

Nietzsche é o filósofo-psicólogo, o filósofo-médico, que está a escutar a História da Filosofia para diagnosticar a doença que acometeu tantos filósofos. A análise da Filosofia constitui parte significativa do trabalho do Filósofo.

5. Saúde, doença, dor são essenciais para a criação humana. O método genealógico nos mostra que a autopreservação é o que motiva, fundamentalmente, o ser humano. Outras realidades precisam ser criadas para tornar a realidade efetiva suportável. A metafísica é o véu com que os seres humanos cobrem o que lhe parece insuportável. A vida consiste não apenas em contemplação, mas, também, em ação. E, para agir, o ser humano necessita de diretrizes que lhe indiquem o caminho a ser seguido. Neste caso, faz-se uma escolha pelo mais confortável. Postula-se a igualdade entre os seres humanos e derivam-se valores éticos que favoreçam, conforme nos ensina Nietzsche, a saúde, o futuro, o poder, o crescimento, a vida. Concepções da realidade e valores morais não são melhores do que outros, mas mais favoráveis ao tipo humano que os cria.

### Referências

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche et la philosophie**. 2. ed. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 1998.

HADOT, Pierre. **Qu'est-ce que la philosophie antique?** Paris: Gallimard/Folio, 1999.

NEHAMAS, Alexander. **Nietzsche: life as literature**. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>26</sup> No original alemão: “Ich erwarte immer noch, dass ein philosophischer *Arzt* im ausnahmsweisen Sinne des Wortes – ein Solcher, der dem Problem der Gesamt-Gesundheit von Volk, Zeit, Rasse, Menschheit nachzugehen hat – einmal den Muth haben wird, meinen Verdacht auf die Spitze zu bringen und den Satz zu wagen: bei allem Philosophiren handelte es sich bisher gar nicht um ‘Wahrheit’, sondern um etwas Anderes, sagen wir um Gesundheit, Zukunft, Wachstum, Macht, Leben...” (KSA, v. 3, p. 349.)

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Kritische Studienausgabe** [KSA]. Organizado por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin: de Gruyter, 1999. 15 v.

\_\_\_\_\_. **O caso Wagner**: um problema para músicos; **Nietzsche contra Wagner**: dossiê de um psicólogo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da tragédia**: ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **Zarathustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

OTTMANN, Henning (org.). **Nietzsche Handbuch**: leben, werk, wirkung. Stuttgart; Weimar: J. B. Metzler, 2000, 561 p.

WILLIAMS, Bernard. **Ethics and the limits of philosophy**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1985.